

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**Curso de Psicologia**

**Isadora Ferracioli**

**A função da negação:**  
**Uma análise psicanalítica do negacionismo na pandemia de COVID-19**

**SÃO PAULO**

**2022**

Isadora Ferracioli

**A função da negação:  
Uma análise psicanalítica do negacionismo na pandemia de COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Camargo Batistuzzo.

SÃO PAULO

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e incentivaram em minhas decisões, o que possibilitou meu percurso para chegar até aqui e ir ainda mais longe. À minha irmã, Mariel, que sempre se fez presente com tanto afeto e carinho.

Ao meu orientador, Marcelo Batistuzzo, pela atenção e dedicação, que garantiram o bom andamento do meu trabalho, e que tornou possível uma produção leve e sempre muito motivada. Aos meus professores da graduação, cada um com sua singularidade inspiradora.

A meus grandes amigos, parceiros de jornada, Maitê, Paulo, Inácio e Caio, pelas discussões e debates referentes à vida e à Psicanálise. Às de longa data, Luisa, Victoria, Sofia, Maria Eduarda, Rafaella, Mariana e Carolina, por se fazerem sempre tão presentes, mesmo que fisicamente distantes. Ao Leonardo, por toda a leveza e diversão de sempre, com certeza motrizes de um bom trabalho acadêmico.

Ao meu companheiro e melhor amigo, Luiz Felipe, por sempre me apoiar e incentivar ao máximo, com muito amor e carinho.

## RESUMO

FERRACIOLLI, I. **A função da negação: uma análise psicanalítica do negacionismo na pandemia de COVID-19.** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2022.

O seguinte projeto investigou e analisou, a partir da Psicanálise, o negacionismo da pandemia de COVID-19, difundido amplamente pelas autoridades do governo federal. Para isso, propôs-se uma revisão bibliográfica da obra freudiana *A negação* (1925), contextualizando o conceito psicanalítico de negação interna ao juízo como um mecanismo de defesa do Eu que, frente a uma realidade insuportável, tende a não aceitar os fatos, sejam eles históricos ou científicos. Além disso, foram aprofundados os conceitos que Freud apresentou e discutiu em seu texto de 1921, *Psicologia das massas e análise do eu*, como a funcionalidade de uma massa e a identificação de seus participantes com aquele que se apresenta como o líder do grupo, relacionando esses conceitos com o discurso negacionista do presidente da República e a influência que ele exerce sobre grande parte da população. Assim, com o objetivo de expandir a articulação teórica psicanalítica, e introduzir o negacionismo como um instrumento político, muito além somente do âmbito individual e psicologizante do mecanismo de defesa. Por fim, visou-se uma retomada e contextualizada das fontes primárias da Psicanálise com o atual contexto da pandemia de COVID-19, com o intuito de enfatizar a relevância da teoria e da prática psicanalítica no estudo e no combate ao negacionismo científico, tanto no aspecto individual como no social.

**Palavras-chave:** Psicanálise. negação. psicologia das massas. negacionismo. pandemia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2 OBJETIVOS</b>	<b>9</b>
2.1 Objetivo geral	9
2.2 Objetivos específicos	9
<b>3 MÉTODO</b>	<b>10</b>
<b>4 A NEGAÇÃO</b>	<b>12</b>
4.1 Função intelectual	13
4.1.1 Juízo de atribuição	14
4.1.2 Juízo de existência	15
<b>5 PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU</b>	<b>18</b>
5.1 Movimento de massa	19
5.2 Identificação com o líder	21
<b>6 UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO NEGACIONISMO NA PANDEMIA DE COVID-19</b>	<b>24</b>
6.1 Como a psicanálise se propõe a estudar esse fenômeno?	25
6.2 A função da negação	28
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema a ser pesquisado surge do atual contexto histórico-político nacional, caracterizado por uma crise sanitária e humanitária, em que o conceito de negação vem sendo amplamente divulgado e discutido por estudiosos de diversas áreas. Uma vez que o atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, desde março de 2020, profere falas e discursos carregados de negacionismo científico. Por exemplo, no primeiro ano de pandemia, quando determinou explicitamente que as pessoas não usassem máscaras, que tomassem remédios comprovadamente ineficazes, como a cloroquina, e que se expusessem com satisfação ao vírus. Além disso, como disse Ab’Sáber (2021a)<sup>1</sup>, Bolsonaro “fez campanha política aberta, pública, contra a vacina, entendida em sua patologia política como ‘arma do inimigo’”.

Com isso, o presidente acabou promovendo uma banalização do perigo da pandemia e, conseqüentemente, surgiram decorrências trágicas deste obscurantismo intelectual (ESCOBAR, 2021). Dentre estas conseqüências, estão a não adesão em massa às recomendações médicas e, como efeito decorrente disso, a morte de centenas de milhares de brasileiros (RATNER; GANDHI, 2020). Afinal, como disse Quinet (2021, p.161):

As pessoas podem ser apaixonadas pela ignorância, como vemos no discurso oficial a negação e o descaso em relação aos enfermos e mortos pela COVID-19, ignorando a realidade desse desastre humano, recalçando a verdade e atacando o saber, a inteligência e a doença.

O “negacionismo”, termo popularizado por Henry Rousso (2004), de acordo com a Academia Brasileira de Letras (2020), é a “atitude tendenciosa que consiste na recusa a aceitar a existência, a validade ou a verdade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, apesar das evidências ou argumentos que o comprovam”<sup>2</sup>. Ou seja, este é um dos termos referentes ao que Freud chamou de negação, assim como “negativa” ou “denegação” também são algumas de suas traduções. Cada um desses termos é mais comumente usado por alguma escola da Psicanálise; porém, nesta pesquisa, utiliza-se o termo “negação”, pelo sentido lógico e gramatical, como defende Carone (1983).

Este conceito foi originalmente estudado pela Psicanálise, introduzido pela primeira vez em 1925, quando Freud publicou um ensaio originalmente intitulado *Die Verneinung*,

---

<sup>1</sup> Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <https://revistacult.uol.com.br/home/bolsonaro-morte-e-festa-no-brasil/>

<sup>2</sup> Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/negacionismo>.

julgado por ele como “coisa não muito séria”, em uma de suas cartas escritas para Abraham no mesmo ano de publicação (FREUD; ABRAHAM, 1965). Apesar de conciso, e indo de encontro ao aparente desdém do próprio autor, o pequeno texto é, na verdade, um trabalho muito denso que levanta questões importantes para se pensar a teoria psicanalítica, estas são listadas por Carone (1983, p.127):

[O texto original] incorpora as grandes descobertas mais recentes de Freud e realiza um esforço de síntese metapsicológica, trazendo à baila questões como a origem do pensamento e as distinções subjetivo-objetivo, representação-percepção, interno-externo, real e não real.

No início do ensaio, Freud utiliza como exemplo o relato de um sonho, no qual o conteúdo de uma imagem recalcada ganhou espaço na consciência do analisante através de uma fórmula negativa, isto é, o inconsciente apareceu em seu discurso, mas foi caracterizado pelo significante *não*: “O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Minha mãe não é.” A partir deste relato, Freud interpreta que, logo, essa pessoa é a mãe de seu analisante:

Na interpretação tomamos a liberdade de considerar a negação, extraindo o puro conteúdo da ideia. É como se o paciente tivesse dito: “Na verdade foi minha mãe que me ocorreu com relação a essa pessoa, mas não tenho a menor vontade de admitir essa ideia” (FREUD, 1925, p.10).

Este *não* para Freud, é como uma marca registrada, que indica a existência de um conteúdo recalcado a qual a consciência é incapaz de suportar e, por isso, o sujeito, em seu discurso, suspende o recalque<sup>3</sup>, através da negação. Isto não significa que, necessariamente, o sujeito passa a aceitar esse recalque, mas sim a atribuir-lhe um valor de juízo moral negativo, o *não* que possui a função de substituir esse mecanismo. Como diz o autor: “Negar algo no juízo no fundo significa: isto é uma coisa que eu preferiria recalcar” (FREUD, 1925), além disso, a negação, para a Psicanálise, é um mecanismo de defesa profundamente primário, uma vez que todos os indivíduos tendem a negar o que lhes é insuportável.

Ademais, a negação que é tratada nesta pesquisa, refere-se ao mecanismo atrelado à função intelectual do juízo, uma vez que a negação pode apresentar-se de duas maneiras, através do juízo de atribuição ou do juízo de existência (HYPPOLITE, 1954). No primeiro, o indivíduo utiliza-se desse mecanismo para conferir ou recusar a uma coisa uma determinada

---

<sup>3</sup> De acordo com Laplanche e Pontalis (1967, p.430), o recalque é a “operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão — suscetível de proporcionar prazer por si mesma — ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências.”

qualidade, isto é, se algo que ele percebeu deve ou não ser acolhido no Eu, atribuindo um juízo de bom ou mau, útil ou nocivo, “isto deve ficar dentro ou fora de mim”, etc. (FREUD, 1925). O juízo de atribuição pertence ao Eu-de-prazer originário, no qual o indivíduo, no início de seu desenvolvimento intelectual, percebe a realidade na qual está inserido, e introjeta em si todo o bom e põe para fora todo o mau. Enquanto no juízo de existência, o indivíduo reproduz sua representação das coisas a partir da percepção primitiva que teve delas (HYPPOLITE, 1954), podendo reproduzir um objetivo que foi percebido anteriormente, mas que não necessariamente ainda exista na realidade. O exemplo de cada um dos juízos será explicitado, mais detalhadamente, no capítulo teórico *A negação*.

Como diz Freud (1925, p.11): “O mau, aquilo que é estranho ao Eu e que se encontra fora, é inicialmente idêntico a ele”, por isso, ao negar algo que se percebe na realidade, o indivíduo dissocia a função intelectual do processo afetivo. Assim, essa negação funciona como um mecanismo de defesa contra algo que é insuportável para a consciência do indivíduo, mas que se mantém recalcado no inconsciente, e por isso lhe é atribuído um juízo de valor negativo. No atual contexto de pandemia de COVID-19, em que o negacionismo científico e o obscurantismo intelectual vêm se mostrando cada vez mais frequentes e ameaçadores, como a Psicanálise pode contribuir para tratar essa negação e não adesão em massa às recomendações médicas?

Além disso, é importante ressaltar que, além do mecanismo defesa, a negação também pode servir como instrumento político, principalmente em um país cujo governo federal, sob a liderança do presidente Jair Bolsonaro, executou um projeto necropolítico com estratégia institucional de propagação do novo coronavírus. Um estudo sobre esta afirmação foi revelado no Boletim Direitos na Pandemia, pelo Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário da Universidade de São Paulo (CEPEDISA), em parceria com a Conectas Direitos Humanos, intitulado *Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à COVID-19 no Brasil* (2021). Sendo assim, o negacionismo científico, característico do discurso dos membros do governo Bolsonaro, não é um mero mecanismo de defesa contra a disseminação de uma doença que causa tanta angústia e medo, mas sim um projeto com interesses políticos, característico de uma necropolítica, em que aqueles que estão no poder decidem quem deve ou não sobreviver (MBEMBE, 2016). Como diz Brum (2021)<sup>4</sup>:

Seguir alegando incompetência do governo Bolsonaro na condução da COVID-19 ou é sintoma ou é má fé. Sintoma porque, para uma parte da população, pode ser

---

<sup>4</sup> Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-03-03/a-covid-19-esta-sob-o-controle-de-bolsonaro.html>

demasiado assustador aceitar a realidade de que o presidente escolheu disseminar o vírus. A mente encontra um caminho de negação para que a pessoa não colapse. [...] Já má fé é compreender o que está acontecendo e, mesmo assim, seguir negando porque convém aos seus interesses, sejam eles quais forem.

Contudo, a Psicanálise, através dos estudos de Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), ainda é capaz de compreender a negação como instrumento de massa, uma vez que, sob a adoração ao líder, os membros de um grupo sofrem do que o autor chama de “redução da capacidade intelectual”. Além disso, o grupo deseja ser governado pela força irrestrita do líder e possui uma paixão extrema pela autoridade (FREUD, 1921), fazendo com que os membros do grupo adquiram uma convicção que não está baseada na percepção e no raciocínio, mas sim em um vínculo de identificação com este líder. Neste sentido, no atual contexto de pandemia, os apoiadores do governo federal apropriam-se do discurso negacionista do presidente Jair Bolsonaro como forma de defesa contra uma realidade ameaçadora: “É um processo semelhante ao sequestrado que encontra pontos de empatia com o sequestrador para ser capaz de sobreviver ao horror de estar totalmente à mercê da vontade absoluta de um perverso.” (BRUM, 2021)<sup>5</sup>.

Portanto, é de suma importância a análise minuciosa desse negacionismo, a fim de entendê-lo e, conseqüentemente, esforçar-se para combatê-lo. A teoria psicanalítica fornece instrumentos para que esse estudo se torne possível, embora os textos trabalhados tenham quase 100 anos de publicação, é inegável como eles podem ser atualizados ainda hoje no contexto pandêmico. A negação não é um mero mecanismo de defesa psicológico e individual, ela é indissociável do âmbito social, especialmente quando parte de um discurso oficial do governo:

O negacionismo – “isso é uma bobagem!” – é uma tendência que todos nós temos, mas o perigo surge quando ele vira um discurso oficial autorizando a ignorância, repudiando o saber e atacando a ciência, como temos visto no tratamento que está sendo dado pelo governo federal à pandemia (QUINET, 2021, p.161).

---

<sup>5</sup> Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-03-03/a-covid-19-esta-sob-o-controle-de-bolsonaro.html>

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Relacionar o conceito psicanalítico de negação interna ao juízo e as ideias apresentadas no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* com o negacionismo científico, a fim de analisá-lo no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19 a partir da Psicanálise.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Contextualizar a negação interna ao juízo na teoria psicanalítica, aprofundando os conceitos apresentados no texto de 1925;
- Aprofundar os conceitos freudianos de *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, a fim de analisar a dualidade do negacionismo tanto como mecanismo de defesa e como instrumento político;
- Revisar e articular as formulações teóricas da Psicanálise, enfatizando sua relevância no estudo e no combate ao negacionismo científico e ao obscurantismo intelectual do governo federal e seus apoiadores, no contexto da pandemia de COVID-19.

### 3 MÉTODO

Este trabalho aludiu a uma pesquisa teórica qualitativa com orientação conceitual em Psicanálise, uma vez que realizou a articulação lógica das ideias contidas nos textos freudianos: *A negação* (1925) e *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), com o atual contexto histórico e político, marcado pela pandemia de COVID-19. Para isso, a metodologia compreendeu em uma revisão bibliográfica, fazendo um retorno tanto às fontes primárias da Psicanálise, como também às leituras e articulações de autores da psicanálise e jornalistas sobre os textos freudianos e o atual contexto de pandemia. Além disso, a articulação da teoria psicanalítica com o negacionismo científico e o obscurantismo intelectual foi realizada através da análise dos discursos, atos e decisões políticas dos membros do governo federal, assim como a propagação de *fake news* e a não-adesão às recomendações de profissionais da saúde, no contexto da pandemia de COVID-19.

Os dados para essa pesquisa foram obtidos através da leitura de livros, textos, artigos científicos e jornalísticos, colunas, vídeos e boletins referentes ao assunto tratado neste trabalho. Sendo assim, foi feita a seleção desse material de acordo com o que foi estudado e analisado em cada capítulo teórico. Para o primeiro capítulo, *A negação*, utilizou-se principalmente os textos *A negação* (1925), de Freud, e *Comentário sobre a Verneinung de Freud* (1954), de Jean Hyppolite, com o intuito de revisar o conceito psicanalítico de negação como mecanismo de defesa, aprofundando sua discussão, para posteriormente utilizá-la na análise do contexto social. No segundo capítulo, *Psicologia das massas e análise do eu*, foi utilizado a obra freudiana de 1921, de mesmo título, e o vídeo da palestra de Tales Ab'Sáber (2021b) sobre o mesmo texto, com objetivos semelhantes ao do primeiro capítulo, conceitualizando a dinâmica de funcionamento de uma massa, e como esta sofre as influências de seu líder.

Já no terceiro e último capítulo, *Uma análise psicanalítica do negacionismo na pandemia de COVID-19*, foram utilizados, principalmente, o artigo científico *Psychoanalysis in combatting mass non-adherence to medical advice* (2020), de Ratner e Gandhi para a *The Lancet*, o texto *Pandemundo* (2021), de Antonio Quinet, e a coluna *A morte é festa no Brasil de Bolsonaro* (2021a), de Tales Ab'Sáber, além dos demais artigos jornalísticos e colunas pesquisadas a respeito do tema negacionismo e psicanálise. Este capítulo merece atenção especial por ser o que articula a discussão teórica com o contexto social e político da pandemia, evidenciando a necessidade de investigar o lugar da Psicanálise no campo social, muito além apenas do âmbito individual. Por isso, foram utilizados trabalhos recentes,

preferencialmente dos últimos 2 anos, por terem sido produzidos contemporaneamente ao trabalho realizado nesta pesquisa.

Em suma, o presente trabalho propôs a discussão do negacionismo da pandemia de COVID-19 através de uma investigação qualitativa, que buscou compreender o fenômeno para além de sua característica de mecanismo de defesa individual, mas como um instrumento de massa, que também pode ser interpretado a partir das ideias da Psicanálise. Essa discussão se fez possível por meio da coleta de dados a partir da revisão bibliográfica dos textos freudianos e pós-freudianos, como também os artigos e produções recentes sobre o assunto, relacionando os conceitos e tendo como guia a teoria psicanalítica.

## 4 A NEGAÇÃO

Em 1925, Freud mandou correspondências a Abraham, um de seus colegas mais confidentes, a respeito de seus últimos trabalhos sobre a teoria psicanalítica. Em uma de suas cartas, Freud comenta “escrevi alguns ensaios breves, mas não coisa muito séria” (FREUD; ABRAHAM, 1925). Entre esses ensaios, estava o *Die Verneinung*, traduzido para o português como *A negação*, escrito no mesmo ano. A maneira como Freud se refere ao texto demonstra certo desdém do autor sobre a sua obra, porém, como disse Carone (1983, p.125): “As densas cinco páginas de *A negação*, [são] até hoje fecundadas e estimulantes para os estudiosos das mais diversas filiações pós-freudianas”.

Embora esta pequena obra seja um de seus trabalhos de acabamento, nos quais Freud tinha a intenção de completar formulações anteriores, aplicá-las a questões novas e rever velhos enigmas, é de suma importância considerar o impacto de sua descoberta teórica (CARONE, 1983), principalmente no atual momento histórico em que se estuda o fenômeno negacionista. Neste sentido, a obra de Freud (1925) inaugura o conceito psicanalítico de negação como um dos principais mecanismos de defesa do Eu. Isto é, o sujeito, ao utilizar-se da negação em seu discurso, evidencia uma ideia que antes foi recalcada e que agora toma espaço na consciência com a condição de ser negada, uma vez que aceitar a existência dessa ideia é insuportável para o Eu. Ou seja, a negação como uma forma de censura.

Posto isso, no início do texto, Freud (1925) cita suas observações sobre como os pacientes apresentam as ideias que lhe ocorrem, por exemplo: “Agora o senhor vai pensar que quero dizer algo ofensivo, mas realmente não tenho essa intenção.” Isso refere-se a uma rejeição de uma ideia emergente do analisante naquele momento e que foi projetada, nesse caso, na figura do analista, isto é, uma negação que contém projeção (HYPPOLITE, 1954). Outro tipo de negação trazido por Freud é a sistemática, a qual o autor cita o exemplo de um paciente que conta sobre um de seus sonhos: “o senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Minha mãe não é.” Assim, Freud logo interpreta que aquela pessoa é justamente a mãe de seu paciente, desconsiderando a negação, como se essa ideia surgisse para aquele que relata o sonho, mas que ele não tem a menor vontade de admiti-la (FREUD, 1925).

Ainda mais, a respeito da interpretação do analista frente a negação do analisante, Freud (1925) diz que é possível conseguir uma explicação sobre aquilo que foi recalcado, através de um procedimento cômodo, como disse Hyppolite (1954) em seu comentário sobre *A Negação*. Por exemplo, se o analista pergunta a seu paciente qual seria sua ideia mais improvável, mais distante de si, ele cai numa armadilha, uma vez que, na verdade, ele diz

justamente aquilo que foi recalçado, por tratar-se de algo que, para o Eu, é estranho e mau. Aliás, esta ideia recalçada encontra-se no inconsciente do sujeito e, ao negá-la, ele suspende esse recalque e a torna consciente, mas não parte de si; ou seja, ele não aceita a existência dela e sim a rejeita intelectualmente.

Assim, Freud (1925) refere a isso como o conteúdo de uma representação ou de um pensamento que foi recalçado, e como ele pode chegar até a consciência com a condição de ser negado, de ser representado pelo significante “não”. Por isso, a negação torna-se um modo de tomar conhecimento do conteúdo inconsciente, uma vez que este sofre uma suspensão do recalque, oferecendo ao analista procedimentos concretos que generalizam o modo do sujeito se apresentar através do que se nega (HYPPOLITE, 1954). Por exemplo, Freud, ao introduzir o conceito de negação interna ao juízo, emprega a palavra *Aufhebung*, que significa negar, suprimir, conservar e, no fundo, suspender; ou seja, trata-se de uma palavra antitética, que possui significados diversos, dentre eles opostos. Por isso, a negação é considerada a *Aufhebung* do recalque, uma vez que ela é tanto a negação, a supressão, a conservação e, no fundo, a suspensão do recalque. Como disse Hyppolite (1954), a negação não cancela o recalque, mas nem por isso é uma aceitação deste.

A partir disso, Freud enfatiza como, neste caso, a função intelectual se dissocia do processo afetivo, já que quem toma conhecimento do conteúdo recalçado é o analista, que percebe a negação como mecanismo de defesa, e não o analisante. Ou seja, a consequência do processo de recalçamento é anulada, uma vez que o conteúdo da representação tem acesso à consciência do paciente. Ademais, em processo analítico, pode-se vencer a negação daquele que está sendo analisado, fazendo com que ele passe a aceitar intelectualmente o conteúdo recalçado. Entretanto, o processo de recalçamento, ainda assim, é levantado, uma vez que a plena aceitação necessita do processo afetivo. Portanto, para elucidar a negação no processo intelectual, Freud (1925) apresenta, em seu texto sobre a negação, qual a função intelectual do juízo e como o mecanismo de defesa pode se apresentar de duas formas: através do juízo de atribuição ou do juízo de existência.

#### **4.1 Função intelectual**

No texto A Negação, Freud (1925) aborda a importância da função intelectual do juízo no processo de desenvolvimento psíquico, a qual consiste em afirmar ou negar conteúdos do pensamento. Neste caso, o ato de negar entende-se como algo que o sujeito preferiria recalcar, sendo a condenação de um conteúdo o substituto intelectual do recalque. Sendo assim, o significante “não”, presente no discurso daquele que nega, é como uma marca registrada

daquele conteúdo, como se isto caracterizasse o recalque de uma ideia inconsciente. É o que Hyppolite (1954) chamou de suspensão do conteúdo através da sublimação, ou seja, apresentar aquilo que foi recalcado através de uma censura. O conteúdo afetado por uma negação leva a uma suspensão, *Aufhebung*, e nessa suspensão aparece o intelectual (HYPPOLITE, 1954).

Por exemplo, Freud (1925) compara essa função do significante “não” com o termo *Made in Germany*, como um certificado de origem, e ainda diz: “por meio do símbolo da negação, o pensamento se liberta das limitações do recalque e se enriquece de conteúdos de que não pode prescindir para o seu desempenho” (p.11). É a partir disso que o intelectual se separa, em ato, do afetivo, embora eles estejam juntos no início do desenvolvimento, o discurso marcado pela negação favorece essa separação (HYPPOLITE, 1954). Além disso, Freud ainda fala sobre as decisões da função do juízo, que são: conferir ou recusar a uma coisa uma determinada qualidade e admitir ou contestar se uma representação tem ou não existência na realidade.

#### 4.1.1 Juízo de atribuição

A primeira função diz respeito ao juízo de atribuição, que decide se algo percebido na realidade deve ou não ser acolhido no Eu, atribuindo-lhe um valor de juízo moral, como: bom ou mau, útil ou nocivo, “quero comer” ou “quero cuspir” (FREUD, 1925). Ademais, o juízo de atribuição está atrelado ao Eu-de-prazer originário, conceito elaborado por Freud ao desenvolver sua teoria sobre o Princípio de Prazer, em que o sujeito busca introjetar tudo que atribui como bom e prazeroso, e expulsar, conseqüentemente negar, todo desprazer. Com isso, vale ressaltar que nem toda negação significa destruição, isto é, como diz Hyppolite (1954): por trás da afirmação, existe a unificação, característica da pulsão de vida; porém, a negação representa um símbolo fundamental dissimétrico. Em outras palavras, a afirmação não é outra coisa senão afirmar, mas negar é mais do que apenas destruir, é uma sucessora da expulsão.

Nesta fase do desenvolvimento, nos primeiros anos de vida do bebê, o Eu-de-prazer purificado tende a interpretar o que é mau e o que é estranho como iguais, considerando tudo que é estrangeiro e novo como mau: “O mau, aquilo que é estranho ao ego e que se encontra fora, é inicialmente idêntico a ele.” (FREUD, 1925, p.11). Por exemplo, no começo da vida intrauterina, não há noção de tempo e espaço, logo não há diferenciação entre o corpo do bebê e o da mãe e, por isso, toda tarefa dos primeiros anos de vida trata-se de um processo de diferenciação progressiva e dolorosa, intercalando entre momentos de fusão e momentos de diferenciação.

Neste sentido, o Eu-de-prazer perdura durante toda a vida do sujeito, cuja função denomina a negação do juízo atributivo. Desse modo, o Eu continua sua função de introjetar aquilo que considera útil e bom para si e de expulsar toda percepção que julga ser nociva e má. Sendo assim, a distinção entre o estranho e ele mesmo, aquilo que pertence ao Eu, é uma operação de negação, na qual Hyppolite (1954) denomina de expulsão.

#### 4.1.2 Juízo de existência

Por outro lado, a segunda função intelectual do juízo consiste no juízo de existência, o qual está atrelado ao Eu-de-realidade. Isto é, esta função também tem origem no desenvolvimento psíquico do sujeito, mas se desenvolve a partir do Eu-de-prazer inicial, quando o sujeito se vê obrigado a separar o outro de si mesmo; por exemplo, ao perceber sua mãe como alguém de fora. Como foi dito anteriormente, este juízo tem a função intelectual de admitir ou contestar se uma representação tem ou não existência na realidade (FREUD, 1925).

Para tanto, o Eu-de-realidade final possui uma tarefa, denominada por Freud (1925) de teste de realidade, cujo objetivo consiste em reencontrar a representação de um objeto, que anteriormente foi percebido na realidade, e se convencer de que ele ainda existe. Por exemplo, quando o bebê, recém-nascido, sente pela primeira vez o desconforto causado pela fome, ele chora e recebe de sua mãe o seio para que ele mame e assim supra sua demanda. Com isso, o seio passa a ser percebido por ele como objeto causa de desejo, e passa a buscá-lo todas as vezes que sente fome, até que ele se presentifique pela mãe. Entretanto, nenhuma percepção *a posteriori* se equivale, em satisfação, à percepção primitiva do seio da primeira mamada, caracterizando-o como objeto perdido, uma vez que as faltas que o sujeito vive em sua vida o faz sentir que antes houve um prazer absoluto.

Isto é, o Eu possui a capacidade de perceber um objeto na realidade e transformá-lo em uma representação, porém, este objeto pode ou não ser reencontrado na percepção. No caso desse objeto não ser real, é devido a sua representação interna e subjetiva; contudo, ele torna-se real no momento em que ainda se encontra na realidade, no exterior. Sendo assim, Freud (1925) faz uma distinção entre o princípio de prazer e a experiência ao dizer que:

[...] não só é importante que uma coisa (objeto de satisfação) possua a “boa” qualidade e, portanto, mereça acolhida no Eu, mas também que ela esteja no mundo externo de um modo tal que seja possível apossar-se dela em caso de necessidade. (p.12)

Ademais, todas as representações provêm de percepções e, conseqüentemente, tornam-se repetições destas, uma vez que, originalmente, a existência da representação já é uma garantia da realidade do representado. Para Freud (1925), a oposição entre objetivo e subjetivo surge quando o pensamento volta a tornar presente algo que foi anteriormente percebido (reprodução da percepção na representação) sem que o objeto exterior necessariamente ainda exista.

Além disso, o autor cita outra faculdade da capacidade do pensamento, que consiste no distanciamento do subjetivo e do objetivo: “a reprodução da percepção na representação nem sempre é sua fiel repetição; ela pode ser modificada por omissões, alterada por fusão de diversos elementos” (FREUD, 1925, p.12). Sendo assim, faz parte do teste de realidade analisar até onde vão estas deformações, com a condição de que tenham sido perdidos os objetos que um dia proporcionaram uma real satisfação. Trata-se de atribuir ao sujeito uma representação cujo objeto já não corresponde, mas correspondeu numa volta atrás (HYPPOLITE, 1954). Posto isso, Freud (1925) apresenta sua hipótese a respeito da percepção ao dizer:

A percepção não é de modo algum um processo puramente passivo, mas o Eu envia periodicamente pequenas quantidades de investimento para o sistema de percepção, por meio das quais ele experimenta os estímulos externos, recolhendo-se novamente após cada um desses avanços tateantes. (p. 13)

Assim, Freud (1925) esclarece em seu texto os modos como se apresenta a negação interna ao juízo, característica de um mecanismo de defesa primário, uma vez que o juízo surge através das pulsões primárias como a evolução finalizada da apropriação do Eu e da expulsão do Eu que decorrem do princípio do prazer (HYPPOLITE, 1954). Assim, o estudo do juízo permite compreender a origem de uma função intelectual, como diz o próprio autor: “julgar é o prosseguimento coerente daquilo que originalmente é realizado pelo princípio do prazer: a inclusão no Eu ou a expulsão para fora dele” (FREUD, 1925, p.13). Neste sentido, Freud apresenta o jogo das moções pulsionais primárias, nas quais o julgar possui uma polaridade, uma vez que a afirmação é como o substituto da união, pertencente à pulsão de vida, a Eros. Por outro lado, a negação, como sucessora da expulsão, está associada à pulsão de morte, de destruição.

Portando, a fim de esclarecer por que há o desempenho da função do juízo, Freud (1925) diz: “a criação do símbolo da negação permite ao pensamento um primeiro grau de independência das conseqüências da repressão e com isso também da coação do princípio do

prazer” (p.13). O autor termina seu texto ajustando essa concepção à negação interna ao juízo, caracterizada como um mecanismo de defesa profundamente primário, ao dizer que: “não há prova mais forte de que conseguimos descobrir o inconsciente do que quando o analisante reage com a frase: ‘Isso eu não tinha pensado’ ou ‘Nisso eu não tinha pensado (nunca)’.” (FREUD, 1925, p.14).

Em suma, a negação interna ao juízo, categorizada como mecanismo de defesa primário, possibilita que o sujeito censure tudo aquilo que antes ele concebeu como nocivo, suspendendo o recalque e negando, em seu discurso, que este conteúdo lhe pertence ou se quer exista na realidade. O negacionismo que tanto se fala a respeito da COVID-19 poderia ser considerado uma negação interna ao juízo? Entende-se que, em um momento de crise sanitária, grande parte da população sinte-se vulnerável frente a uma ameaça de doença e até mesmo morte. Embora a pandemia seja inevitavelmente para todos, cada sujeito a vive de um modo singular. Como diz Quinet (2021):

No entanto, há um real da pólis em tempos de pandemia que toca a todos. Esse real não é o mesmo em todos os lugares, países, cidades e bairros. A vulnerabilidade, o desamparo coletivo é proporcional ao estado de abandono em que é deixada a população. Isso promove subjetividades distintas em relação a esse real, por definição, impossível de suportar. (p.157)

Portanto, a questão a ser respondida corresponde à função da negação, seria essa um mecanismo de defesa manifesto em todos os indivíduos que compõem o grupo que diz não haver perigo na pandemia, que se recusa a tomar vacina e a usar máscara? A partir da discussão sobre Psicologia das Massas e Análise do Eu, é possível compreender outra característica do negacionismo: a função de instrumento político.

## 5 PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU

O texto clássico de Freud, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, publicado em 1921, é relembado com demasiada importância após 100 anos de seu lançamento. Não por acaso, a obra revolucionou o entendimento sobre grupos, política, sociedade e cultura na perspectiva psicanalítica, enfatizando como a psicologia individual é indissociável à psicologia social:

Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (FREUD, 1921, p. 14).

Além disso, o *Psicologia das Massas e Análise do Eu* é reconhecido como o primeiro grande texto cultural e político dos anos 1920 e compõe, junto com *Totem e Tabu* (1913) e *O mal-estar na civilização* (1930), o sistema de pensamento freudiano sobre a cultura (AB’SÁBER, 2021b). Na época em que foi escrito, contemporaneamente ao *Além do princípio de prazer* (1920), o mundo ainda sofria os efeitos e influências da Primeira Guerra Mundial, marcados pela mudança civilizacional na consciência europeia, o que influenciou Freud a escrever sobre a pulsão de morte e a problemática da destrutividade, a fim de responder ao questionamento: “como se pode alcançar as raízes da política?” (AB’SÁBER, 2021b).

Logo na Introdução, Freud destaca os temas tratados até então na Psicanálise, especificamente aos que dizem respeito às relações do sujeito com o objeto de amor, seja ele um amigo, irmão, os pais, professor, médico etc, e passa a considerá-los fenômenos sociais, o que vai de encontro com os processos narcísicos, sendo impossível isolar a satisfação parcial das pulsões da influência do Outro. Como o próprio autor diz: “[...] a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim” (FREUD, 1921, p.15). Por fim, Freud reitera a possibilidade de a pulsão social não ser uma pulsão primitiva e indivisível, mas sim com possibilidades de ser investigada em um círculo estreito, como o da família, possibilitando a descoberta de seus primórdios e evolução.

Neste ensaio, Freud trabalha com matéria heterogênea, uma vez que articula o saber e a teoria psicanalítica na esfera da clínica, desenvolvendo os conceitos de narcisismo e ideal do Eu, com a sociologia (AB’SÁBER, 2021b). Para isso, o autor parte dos estudos e pensamentos de sociólogos e antropólogos contemporâneos, como Gustave Le Bon, que

entendiam o modo de funcionamento das massas a partir de uma postura conservadora; isto é, diferentemente de estudiosos como Marx e Hegel, que entendiam as massas como razão da história, Freud parte dos estudos que viam as massas como volúveis, perigosas, corajosas, mas acima de tudo, ambivalentes (AB’SÁBER, 2021b). Essa ambivalência se dá a partir da imprecisão do pensamento dos membros de um grupo, já que não sabem o que pensam, ou seja, como diz Ab’Sáber (2021b): “As massas não pensam, e sim operam em outra forma psíquica”. Tal forma esta que Freud irá discutir em seu texto sobre Psicologia das Massas e Análise do Eu.

No segundo capítulo, *A alma coletiva segundo Le Bon*, Freud utiliza-se da obra deste mesmo autor, intitulada *Psicologia das Massas* (1895), e também da obra *A mente grupal* (1920), do psicólogo William McDougall, para desenvolver o tema e responder à pergunta: “O que é então uma ‘massa’, de que maneira adquire ela a capacidade de influir tão decisivamente na vida psíquica do indivíduo, e em que consiste a modificação psíquica que ela impõe ao indivíduo?” (FREUD, 1921, p.17).

### 5.1 Movimento de massa

Para investigar como se constitui uma massa, inicialmente, Freud passa a observar e a descrever os indivíduos membros de um grupo e o material que eles fornecem à psicologia de massa através das alterações de seus comportamentos. O autor cita Le Bon (1895 *apud* FREUD, 1921, p.11):

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem [...], o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa. A massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células.

Além disso, Freud analisa a característica da massa, nada menos que o elo que une seus membros, e os motivos pelos quais o indivíduo se modifica em um grupo: o contágio e a sugestibilidade. O primeiro trata-se de um fenômeno de ordem hipnótica: em uma massa, todo sentimento e todo ato são contagiosos, fazendo com que o indivíduo sacrifique seu interesse pessoal ao interesse coletivo. Já na sugestibilidade, o indivíduo é colocado em uma condição na qual perde inteiramente sua personalidade consciente, e passa a obedecer a

todas as sugestões do líder do grupo (FREUD, 1921). Em resumo, Freud cita novamente Le Bon (1895 *apud* FREUD, 1921, p.17):

Portanto, esvanecimento da personalidade consciente, predominância da personalidade inconsciente, orientação por via de sugestão e de contágio dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas, tais são as principais características do indivíduo na massa. Ele não é mais ele mesmo, mas um autômato cuja vontade se tornou impotente para guiá-lo.

Ademais, Freud acrescenta um importante fator que contribui, juntamente com o contágio e a sugestionabilidade, para a reação alterada de um indivíduo no grupo: a redução da capacidade intelectual. Isto é, ao dizer que pelo simples fato de um indivíduo participar de uma massa organizada ele desce vários degraus na escada da civilização, ou seja, há uma redução da capacidade intelectual do membro de um grupo, uma vez que, diferentemente de seus comportamentos quando isolado, o indivíduo passa a agir, em massa, através de suas pulsões, não renunciando à espontaneidade, da violência, da fúria, do entusiasmo e do heroísmo dos seres primitivos (FREUD, 1921).

Por fim, através das descrições de Le Bon e das observações de Freud, constatou-se que as massas jamais anseiam pela verdade, isto é, seus membros são quase tão intensamente influenciados pelo que é falso quanto pelo que é verdadeiro. Como por exemplo, a negação de um aspecto da realidade, como citaremos mais a seguir, já que a massa possui a tendência de não distinguir entre a factualidade ou não das informações. Ademais, a negação de um aspecto ameaçador da realidade pode ser um ponto em comum dos membros de uma massa. Uma vez que, como diz McDougall em sua obra *A mente grupal*, a massa que não possui uma organização, denominada de multidão, caracteriza-se como grupo psicológico a partir de um interesse em comum, no qual há um certo grau de influência recíproca entre seus membros.

Ainda sobre as multidões, Freud descreve, em outras palavras, o que McDougall chamou de “princípio de indução direta da emoção por meio da resposta simpática primitiva”, relacionando-o ao conceito de contágio: “É fato que os sinais percebidos de um estado afetivo são apropriados para despertar automaticamente o mesmo afeto naquele que percebe” (FREUD, 1921, p.35). Em resumo, quanto mais pessoas demonstrarem simultaneamente o mesmo afeto, maior será o contágio deste para os demais membros de uma multidão e, conseqüentemente, o indivíduo membro de uma massa e sob a influência desta, está sujeito a uma alteração em sua atividade mental. Isto é, sua capacidade intelectual é intensamente reduzida frente a tamanha submissão ao afeto e a supressão das inibições pulsionais.

A fim de explicar esse fenômeno, Freud aplica o conceito de libido, que é “a energia, tomada como grandeza quantitativa – embora atualmente não mensurável –, dessas pulsões relacionadas com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra ‘amor’.” (FREUD, 1921, p.43); ou seja, supõe-se que todo grupo se constitui através das relações amorosas, justamente o que mantém seus membros unidos: “se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, ‘por amor a eles’.” (FREUD, 1921, p.45).

## 5.2 Identificação com o líder

Mais adiante, no capítulo II de *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud enfatiza o que Le Bon diz sobre o tema dos líderes: para ele, qualquer conjunto de seres humanos se coloca instintivamente sob a influência de um líder. O antropólogo refere-se à massa como um rebanho dócil e obediente, que jamais poderia viver sem um senhor, além de possuir desejo de submissão e, por isso, submeter-se tão prontamente a essa autoridade.

Para isso, Le Bon descreve os diferentes tipos de líderes, como cada um atua sobre a massa, e como eles ganham importância a partir das ideias em que eles próprios acreditam fanaticamente (FREUD, 1921). Essas ideias, assim como a própria influência do líder, possuem poder místico e fascinante, que Le Bon denomina de “prestígio”: “uma espécie de domínio que uma pessoa, uma obra ou uma ideia exerce sobre nós. Paralisa toda a nossa capacidade crítica e nos enche de espanto e respeito. Provocaria um sentimento semelhante ao do fascínio na hipnose.” (FREUD, 1921, p. 31). É o que Ab’Sáber (2021a)<sup>6</sup> descreve no primeiro capítulo de seu artigo *A morte é festa no Brasil de Bolsonaro*:

Quem leu Freud pensando sobre grupos sabe como o líder, quando está no lugar do “ideal do eu”, uma das dimensões do “superego”, tem poder de hipnotismo sobre o grupo massivo que domina. Isso significa apenas que, com pouca mediação, o líder fala o próprio eu do seu fiel fascista.

Além dos diferentes tipos de líder, Freud descreve os diferentes tipos de grupos, analisando, de início, aqueles que são elevadamente organizados, permanentes e artificiais, por exemplo: a Igreja e o exército. Ambos são grupos históricos de longa duração, poderosos socialmente, ligados à certeza sobre a vida e a guerra (AB’SÁBER, 2021b). São artificiais por possuírem uma força externa que os impede de dissolverem e alterarem sua estrutura, tal força

---

<sup>6</sup> Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <https://revistacult.uol.com.br/home/bolsonaro-morte-e-festa-no-brasil/>

está presente nos dois grupos sob a ilusão de um ser superior, na Igreja este ser é Cristo, e no exército, comandante-chefe. A ilusão deste ser superior é que ele ama igualmente a todos os membros do grupo, como citado, uma relação amorosa, libidinal, que os mantém unidos. Ambos estes líderes são o que Ab'Sáber (2021b) chama de mediações psicanalíticas: são caracterizados como o Senhor da verdade, possuindo um vínculo totalmente amoroso com o grupo, no qual o amor do líder pelo grupo é correspondido pelo amor do grupo para o líder.

Ademais, na Psicanálise existem outros mecanismos de laços afetivos, por exemplo a identificação, como sua expressão mais primitiva. No capítulo *A identificação*, Freud exemplifica essa manifestação no complexo de Édipo: “O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal” (FREUD, 1921, p.60). Sendo assim, há diferentes identificações que a massa pode conceder ao líder, como a identificação com o pai primevo, descrito no mito de *Totem e Tabu* (1913), o líder da horda que detém para si toda a satisfação e uso sexual exclusivo das mulheres da horda, exercendo um monopólio de gozo de maneira tirânica, sob a ameaça de castrar seus filhos (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967).

Essa identificação trata-se de uma regressão, semelhante ao primitivismo da ordem primeva, uma vez que os indivíduos em uma massa tomam o outro, no caso o líder, como objeto de amor, fazendo com identifiquem-se com o desejo do outro. Com isso, o líder passa a representar o “ideal do eu”, uma das dimensões do Supereu, dos membros do grupo. Freud o descreve “como uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele” (1921, p.67). E completa: “Nós a chamamos de ‘ideal do Eu’ e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão” (p.68).

Tal dimensão é “herdeira do narcisismo original<sup>7</sup>, que é formador e estruturador do Eu” (FREUD, 1921, p.68), mas também se caracteriza como seu ponto de fuga, podendo causar-lhe adoecimento e sofrimento: “As pessoas começaram a se constituir a partir do eu de um outro que era o próprio eu do grupo. O eu do outro é o próprio eu, o eu do poder, religioso” (AB’SÁBER, 2021b). O líder, no lugar de “ideal do eu”, identificação dos grupos originários, tem a função de exercer a força de seu ideal sobre o eu frágil do indivíduo membro da massa.

A fim de exemplificar como esse líder exerce influência em uma massa, pode-se pensar em alguém que exerce um cargo no poder, como o presidente, e como seus ideais

---

<sup>7</sup> De acordo com Laplanche e Pontalis (1967, p.290) o narcisismo originário “designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma”, tomando a si mesma como objeto de amor.

podem gerar um movimento de massa, em que os membros desse grupo podem colocar a própria vida em risco, em função de obedecer ao líder. Como disse Ab’Sáber (2021a)<sup>8</sup>:

Se o líder no poder diz, exterminem os judeus como baratas por não serem humanos, o grupo produzirá com ele câmaras de gás para matar pessoas. Se o líder diz, tomem um remédio ineficaz, que pode matá-los, o grupo toma feliz a cloroquina com efeitos adversos, que podem matá-lo. Se o líder diz, não usem máscara que ela significa a sua opressão, o grupo se revolta animado contra a máscara. Se o líder diz, sigam a vida sobre a peste como se nada estivesse acontecendo, o seu grupo vai pra rua, pro boteco e pra balada, dançar e beber até o fim do mundo sobre a peste, como se nada estivesse acontecendo...

Em outras palavras, o líder da massa representa o pai primevo que a horda tanto temia, mas ainda assim, o grupo deseja ser governado por essa força absoluta, além de possuir uma paixão extrema pela autoridade, demonstrada pelo desejo de submissão, quando as figuras de poder e de política são tomadas como figuras de desejo (AB’SÁBER, 2021b). O ideal do grupo está identificado com o pai primevo, que conduz o Eu dos seus membros ao se colocar como ideal do Eu. Sendo assim, as convicções do grupo não estão baseadas na percepção e no raciocínio, mas em um vínculo libidinal com o líder (FREUD, 1921). Por exemplo, no Brasil, são notáveis as consequências desse amor e desejo de submissão, uma vez que o grupo de fanáticos que aceita o líder de modo acrítico, que suspende o julgamento sobre a história, a cultura e a ciência por aquilo que o líder quer (AB’SÁBER, 2021b).

Principalmente em um contexto histórico e político marcado pelo desamparo, e pela ameaça de um vírus mortal, Quinet (2021, p.162) ressaltou:

A queda dos amparos do Estado e as crises econômicas, sociais e políticas são um “empuxo-ao-Messias”, à idealização de chefes de seitas e formação de hordas ignaras e obedientes ao líder, tal como o bolsonarismo no Brasil, tomando por exemplo o modo de lidarem com a pandemia.

Portanto, o bolsonarismo abarca questões complexas sobre como alguém que exerce um cargo de poder é autorizado por grande parte da população, os seus seguidores não por acaso apelidados de “gados”, de implementar sua política suicidária. Entretanto, não só aqueles que lhe confiam o poder e concordam com seus posicionamentos, mas Bolsonaro também exerce influência sobre muitos cidadãos, com seu discurso oficializado de negação às medidas de proteção contra o avanço de um vírus mortal que permeia todos.

---

<sup>8</sup> Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <https://revistacult.uol.com.br/home/bolsonaro-morte-e-festa-no-brasil/>

## 6 UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO NEGACIONISMO NA PANDEMIA DE COVID-19

Nos dois primeiros anos de pandemia, 2020 e 2021, o crescente número de infecções e, conseqüentemente, mortes provocadas pelo coronavírus, políticos de todo o mundo passaram a adotar medidas sanitárias e de isolamento com o objetivo de conter a disseminação da COVID-19. No Brasil, contudo, foram adotadas medidas mais brandas em comparação a outros países, como, por exemplo, a Coreia do Sul, no qual foram realizadas testagem em massa, quarentena rigorosa e rastreamento de contatos de doentes. Além disso, vimos um descaso do governo federal, e seus ministérios, frente ao agravamento dos casos de COVID-19, evidenciado no discurso do próprio presidente que se recusou a apoiar recomendações de distanciamento social e uso de máscara, além de ter promovido tratamento precoce com medicamentos comprovadamente ineficazes. Como exemplificou Ab’Sáber:

[...] nós vimos essa política afirmativa da destruição da vida, por perversão e ignorância, que no caso são uma coisa só, acontecer em tempo real no país. Ele condenou à morte dezenas de milhares de brasileiros, que, apaixonados por ele ou inconscientes do seu vínculo amoroso com ele, fizeram a política suicida que ele necessita. A morte de um povo por amor, sem pensamento, ao seu líder fascista (AB’SÁBER, 2021a).

Com isso, fica evidente como a postura do presidente e seus apoiadores foi marcada por um extenso negacionismo científico e obscurantismo intelectual, o que contribuiu em um grande número de infectados, alta taxa de mortalidade e também no atraso da vacinação em massa. Foi o que Escobar (2021) denominou de praga da desinformação: “a negligência no combate à pandemia, a negação das vacinas e a insistência na promoção de tratamentos comprovadamente ineficazes contra a COVID-19”.

Ademais, levantaram-se debates a respeito do negacionismo do governo, liderado pelo presidente da República, a respeito da COVID-19 e de suas conseqüências à saúde dos cidadãos. Este comportamento das autoridades foi comparado ao do governo estadunidense, quando ainda era liderado pelo ex-presidente Donald Trump, em 2020, que também ocasionou em altas taxas de transmissão da doença, e também ao elevado número de mortes decorrentes dela (RATNER; GANDHI, 2020). Além das semelhanças ideológicas do ex-presidente dos Estados Unidos com o atual presidente do Brasil, Ab’Sáber (2021a) apontou outros aspectos em comum:

Um país que também, como aqui, condenou centenas de milhares de americanos à morte, pelo sadismo objetivo de uma cultura em que o direito à saúde não é universal, pela arrogância negacionista narcísica de seu líder, apoiado em seus grupos de extrema direita, cujo poder pressuposto e caprichoso era mais importante do que a vida de seus concidadãos.

O discurso de Bolsonaro não teria ocasionado tanta repercussão se não fosse pela grande influência que ele exerce sobre seus apoiadores. Isso ficou evidente na pesquisa intitulada *Involvement of political and socio-economic factors in the spatial and temporal dynamics of COVID-19 outcomes in Brazil: A population-based study*, publicada pela The Lancet em março de 2022. Essa pesquisa, realizada por cientistas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e da Universidade de Brasília (UnB), aponta que as cidades brasileiras que mais apoiaram o presidente Jair Bolsonaro no segundo turno em 2018, independente das desigualdades estruturais, foram as que registraram as maiores taxas de mortalidade pela COVID-19 em 2021. Com isso, fica ainda mais explícito como as atitudes e os discursos oficiais do presidente impulsionaram o comportamento de risco das pessoas alinhadas ao pensamento dele, expondo-as à COVID-19 e resultando em maior taxa de mortalidade (XAVIER *et al.*, 2022).

A partir desses levantamentos, esse capítulo visa esclarecer como a Psicanálise pode, em suas formulações teóricas, estudar e analisar o negacionismo científico, além de discutir como ele pode estar associado a uma estratégia política, extrapolando o âmbito psicológico de ser associado apenas a um mecanismo de defesa.

Vemos a importância da psicanálise sendo acentuada no mundo hoje pela pandemia devido à necessidade de elaboração simbólica para lidar com o real do vírus, do confinamento, do desastre econômico e político. Devido também à multiplicação de casos de estados melancólicos, desesperançosos, de angústia, de temor à morte e de recrudescimento de sintomas de todo tipo (QUINET, 2021, p.163).

## **6.1 Como a psicanálise se propõe a estudar esse fenômeno?**

A falha no combate à pandemia no Brasil traz à tona discussões sobre o que levou o país a ser considerado um dos piores do mundo em manejo e controle da transmissão da COVID-19, de acordo com o ranking do Instituto Lowy (2021), além das mais de 600 mil mortes decorrentes da doença. Pode-se fazer uma comparação entre o governo Bolsonaro e o governo Trump, quando ambos, no início da pandemia, assumiram posturas similares a respeito da iminência da doença, ambas negacionistas e de grande influência sobre as consequências trágicas que surgiram com isso (RATNER; GANDHI, 2020). Por exemplo, a

não adesão em massa às recomendações médicas: como o uso incorreto de máscaras, ao uso indevido de medicalizações cientificamente comprovadas como ineficazes e o descumprimento do distanciamento social.

Em outubro de 2020, a revista *The Lancet* publicou um artigo intitulado *Psychoanalysis in combatting mass non-adherence to medical advice*, o qual caracteriza a influência das posturas negacionistas de membros do governo estadunidense como um evento único na história moderna, uma vez que a população possui um amplo acesso à informação, mas ainda assim muitas pessoas protestam com forte negação a fatos científicos e a recomendações médicas (RATNER; GANDHI, 2020). Esse artigo propõe uma intervenção psicanalítica para estudar esse fenômeno, ao considerar a negação psicológica como a principal causa dessa não adesão às recomendações de saúde pública para COVID-19: “Nós propomos que está na hora dos profissionais de saúde adicionarem o estudo e o tratamento da negação psicológica ao seu conjunto de ferramentas para combater à não adesão médica” (RATNER; GANDHI, 2020). A partir disso, os autores reiteram como a Psicanálise foi o primeiro campo a postular a negação psicológica como mecanismo de defesa, e como continua sendo o único que ainda se esforça para tratá-la, seja através da conscientização em massa ou até mesmo na clínica psicanalítica.

Entretanto, no atual contexto brasileiro, atravessado pelo negacionismo e o obscurantismo intelectual, surge um efeito colateral positivo, descrito por Escobar (2021) como: um despertar da comunidade científica para a importância da comunicação com a sociedade. Assim, muitos pesquisadores, médicos e acadêmicos se viram na obrigação de divulgar a ciência, a fim de combater as *fake news*, amplamente difundidas pelas próprias autoridades da política. Além da governabilidade marcada pela negligência no combate à pandemia, Bolsonaro influenciou grande parte de sua massa de seguidores a negar as vacinas, insistindo na promoção de tratamentos comprovadamente ineficazes contra a COVID-19. Sendo assim, as campanhas de esclarecimento e incentivo à vacinação partiram de diversas universidades, organizações e entidades médico-científicas, mas não por parte do governo (ESCOBAR, 2021).

Contudo, a sugestão no combate à negação da pandemia de COVID-19, proposta no artigo da revista *The Lancet*, enfrenta um conflito epistemológico, uma vez que sugere uma parceria entre os campos da psicanálise com a psicologia experimental e os trabalhadores da saúde, o que pode ser extremamente difícil, considerando a resistência dos psicanalistas em colaborar com a psicologia experimental e os epidemiologistas (RATNER, 2018). Entretanto, neste momento, essa colaboração é de suma importância, citando os autores: “[...] é

criticamente valioso em um momento em que a negação psicológica tem se impulsionado aos holofotes em múltiplas frentes como uma crise de saúde pública genuína” (RATNER; GANDHI, 2020).

Ademais, o artigo aprofunda em uma questão importantíssima levantada por muitos cientistas cognitivos que têm documentado e estudado a negação psicológica e os fenômenos aos quais ela se relaciona (CAREY, 2007). Porém, a presente pesquisa alude à importância da psicanálise no estudo da negação e, como dizem Ratner e Gandhi (2020): “A negação está no presente, e ignorar o conhecimento da Psicanálise sob essas circunstâncias seria mais uma forma de negação”. Portanto, ao relacioná-la com o negacionismo científico, como a psicanálise e os psicanalistas podem debater a negação da pandemia de COVID-19 e a não adesão em massa às recomendações dos especialistas?

A fim de responder essa questão, os autores Ratner e Gandhi (2020) propõem que a intervenção psicanalítica se dê através da sensibilização e da conscientização da população, semelhante ao combate às *fake news*, tão visado no atual contexto político e social do Brasil. Esta estratégia já é utilizada por epidemiologistas, com o objetivo de resolverem os problemas que vão mais além do âmbito pessoal e privado, como, por exemplo, a sensibilização sobre os perigos do novo coronavírus à saúde pública. Sendo assim, caberia aos psicanalistas a conscientização dos sujeitos sobre suas próprias defesas, que trabalham para retirar o perigo e a ansiedade da consciência, já que são difíceis de serem contemplados; isto é, como funciona o mecanismo de defesa da negação.

Embora os psicanalistas não consigam tratar cada caso de negação individualmente, eles conseguem educar trabalhadores da saúde e líderes governamentais sobre negação, e trabalhar com eles em passar efetivamente a mensagem que ajuda a dissipar e delimitar esta força psicológica espiral (RATNER; GANDHI, 2020).

Em suma, a não adesão em massa às recomendações médicas, vista em abundância no Brasil em período de pandemia, custou e ainda custa incontáveis números de vidas e centenas de bilhões de dólares anualmente (IUGA; MCGUIRE, 2014). Uma vez que a comunicação sobre as defesas inconscientes é exatamente o que fazem os psicanalistas, é de extrema importância e coerência que seja adicionada aos cuidados e à conscientização da população a respeito da negação da COVID-19 e suas trágicas consequências. Contudo, como proceder com uma intervenção em nível de comunicação em um país cuja maior influência no poder é uma figura marcada pelo negacionismo e pelo obscurantismo intelectual?

Por fim, não se trata de uma questão unicamente do âmbito psicológico da população, mas sim marcada por atravessamento político. Como disse Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), a psicologia individual é indissociável à psicologia social, e por isso as pessoas precisam questionar as raízes de seu desejo de violência, e poder observar o poder e a política social nas estruturas que escapam à consciência (AB’SÁBER, 2021b).

## 6.2 A função da negação

O negacionismo não é um fenômeno novo na história nem na ciência. A pandemia de COVID-19 impulsionou debates a respeito da incompetência do governo no manejo da crise sanitária e econômica que tomou conta deste momento em nosso país. Entretanto, essa aparente incompetência pode ser vista como um instrumento político, utilizado pelas autoridades, a fim de retomar o mais rápido possível o crescimento econômico do país, fazendo com que, conseqüentemente, o presidente ganhe ainda mais força entre seus seguidores. Isto é, como a negação de um fenômeno comprovado pela ciência poderia trazer benefícios para um governo, ou para um certo grupo de pessoas?

Como discutido nos capítulos anteriores, a negação para a Psicanálise é um mecanismo de defesa primário, ou seja, inerente a todos os indivíduos. Com isso, discute-se como esse mecanismo de defesa poderia servir como um instrumento de massa, com objetivos que beneficiam aquele que se utiliza dele, mas que também promove um conforto egóico naqueles que negam. Por exemplo, um indivíduo ao negar a pandemia do novo coronavírus se mantém em sua zona de conforto, uma vez que se trata de uma realidade insuportável com conseqüências catastróficas, desde o adoecimento até a morte, e, por isso, provoca nele um afastamento do desconhecido, do mau, aquilo que é tão difícil de aceitar.

Posto isso, parte da população se vê contaminada pelo desamparo, principalmente em um governo marcado pelo neoliberalismo, onde o Estado se isenta do amparo e de políticas públicas que sejam relevantes do ponto de vista social, e passa a significar um empuxo-ao-negacionismo e à morte (QUINET, 2021). Por exemplo, se uma figura de autoridade, que possui seus fiéis seguidores, legitima a negação desse fenômeno a partir de seu discurso, ela influencia todo um grupo a aderir a essa defesa frente a uma realidade tão ameaçadora, ou seja, a negação serve como amparo. Como disse Quinet (2021):

É tamanho nível de negação da realidade que se pode perguntar se não é um projeto de eliminação daqueles que não interessam tais como pobres, velhos e pessoas com morbidades, que são os grupos de maior risco de letalidade caso se contaminem com

o novo coronavírus. O negacionismo é, portanto, vinculado ao desamparo do Estado (p.160).

Assim, esse movimento de massa, que mascara um objetivo político, vai ganhando força e influenciando cada vez mais os outros, criando um ciclo em que o não crer, ou melhor, não aceitar, legitima práticas e políticas que vão de encontro com a ciência e com a história. Contudo, vale ressaltar que o negacionismo não é exclusivo do contexto atual de pandemia, como mostrou Dalcolmo (2020), um exemplo de comportamento controverso e negacionista como o de recusar-se a usar máscara trata-se de um movimento que ocorreu também durante a epidemia de influenza da Gripe Espanhola, a chamada “Liga Anti-Máscara”. Este movimento surgiu em São Francisco, em 1919, no auge da pandemia de gripe espanhola, e foi criado por moradores locais que estavam cansados das restrições: “desconfiados da eficácia do uso de máscaras para frear o avanço da doença, eles acusavam as autoridades de violar seus direitos constitucionais e pediam a volta à normalidade” (CORRÊA, 2020).

Ademais, outro exemplo de negação coletiva citado pela autora, como a Revolta da Vacina (DALCOLMO, 2020), afirma como o negacionismo não é um fenômeno novo, nem exclusivo do contexto pandêmico. Ademais, como disse Escobar (2021), o negacionismo científico já era presente, inclusive, na questão ambiental. Por exemplo, à negação sistemática de dados científicos sobre desmatamento e queimadas nas florestas de Ricardo Salles, ex-ministro do meio ambiente do governo Bolsonaro (ESCOBAR, 2021). Estes exemplos visam esclarecer como um fenômeno histórico, como no caso de uma pandemia, pode emergir na cena política, extrapolando o campo sanitário (DALCOLMO, 2020). No Brasil, percebe-se como o governo federal utilizou-se de um mecanismo primário, tal como a negação, para influenciar uma grande massa de seguidores a fim de cumprir interesses políticos, independente da crise sanitária que ameaça a saúde da população.

Para isso, Bolsonaro, em seu papel de líder administrativo, não só se utilizou do negacionismo, mas também do obscurantismo intelectual ao contestar a ciência e as recomendações médicas. Por exemplo, ao incentivar o uso da cloroquina para o tratamento da COVID-19, mesmo que já tenha sido comprovado diversas vezes que este medicamento é ineficaz para essa finalidade. Apesar disso, há um esforço da comunidade científica no combate às *fake news*. Entretanto, até mesmo o biólogo Atila Iamarino, referência em uma das principais fontes de informação sobre a COVID-19, evidencia como esse esforço não chega nem perto de equilibrar o jogo contra a “gigantesca, produtiva, muito bem financiada e bem articulada rede de desinformações que se instalou no Brasil nos últimos anos” (ESCOBAR, 2021).

Afinal, qual o objetivo dos membros do governo federal em utilizar-se do negacionismo como instrumento político? O Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP), juntamente com a Conectas Direitos Humanos, uma das mais respeitadas organizações de justiça da América Latina, realizaram uma pesquisa, lançada em uma edição especial do boletim Direitos na Pandemia – Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à Covid-19 no Brasil, na qual eles argumentam que o governo federal executou um plano de disseminação do novo coronavírus: “A análise de 3.049 normas federais mostrou que Bolsonaro e seus ministros tinham – e ainda têm – o objetivo de infectar o maior número de pessoas, o mais rapidamente possível, para a retomada total das atividades econômicas” (BRUM, 2021).

Com isso, fica evidente que Bolsonaro, juntamente com os demais membros do Governo Federal, objetivaram a disseminação do negacionismo da pandemia de COVID-19 por interesses políticos e/ou econômicos. Afinal, ao negar as restrições, tanto o governo como a população sentem maior liberdade em retomar as atividades econômicas, que tanto favorecem o sistema capitalista e o plano econômico neoliberal do governo Bolsonaro. Além disso, evidentemente, o conforto em negar uma realidade tão ameaçadora, facilitando o contágio das sugestões do presidente para com sua massa de seguidores. Um exemplo concreto de negacionismo como instrumento político se deu na França, e é citado por Valim e Avelar (2020)<sup>9</sup> no artigo *Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais*:

O negacionismo fincou raízes no mais importante grupo partidário da extrema-direita francesa, o Front National. Jean-Marie Le Pen, um dos seus fundadores e notório negacionista do Holocausto – processado e condenado em última instância por isso – chegou ao segundo turno das eleições presidenciais de 2002, o que também ocorreu com sua filha, Marine Le Pen, na disputa eleitoral de 2017. Durante a campanha, Marine afirmou que a “nação francesa” não era responsável pela deportação de 13 mil judeus para os campos de concentração, mesmo que a colaboração com o nazismo seja reconhecida pelo estado francês desde 1995. Apesar de derrotada, a candidata do Front National teve quase 35% dos votos, mesmo depois de ser acusada pelo presidente israelense Reuven Rivlin de praticar um “negacionismo de tipo novo” ao negar a responsabilidade da França no Holocausto.

Em comparação, ao negar a pandemia, Bolsonaro não só se desresponsabiliza das prevenções de adoecimentos e mortes causados pela doença, mas também atinge seus

---

<sup>9</sup> Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>.

objetivos políticos, não só no âmbito econômico, mas sim com sua necropolítica, definida por Achille Mbembe (2016) como naquela em que o Estado define quem deve viver e quem deve morrer. Isto é, Ab'Sáber (2021a)<sup>10</sup>, em seu artigo *A morte é festa no Brasil de Bolsonaro*, explicitou:

Bolsonaro, como grande fascista que é, necessita da morte e do extermínio do outro como contraponto e como ponto de fuga de sua política. Se não pode matar ativamente, como um dia disse que faria e como fez o ditador latino-americano Pinochet que ele tanto admira, ele o faz por decisão de eximir o governo de responsabilidade, e de governo, diante de uma pandemia global mortal.

Portanto, consegue-se concluir como Bolsonaro utilizou-se da negação como instrumento político, assim como a Psicanálise pôde contribuir na investigação do porquê o presidente exerce tanta influência sobre a massa, principalmente como um líder que possui uma dimensão autoritária, tradicional, familiar, repressiva e religiosa, além de proclamar o lema da Ação Integralista Brasileira (AIB): Deus, Pátria e Família, movimento inspirado no fascismo italiano. Com isso, seus seguidores o autorizam, inclusive a matar, tudo em nome do desejo de submissão. A utopia autoritária do bolsonarismo é o objetivo final da governamentalidade negacionista, uma vez que promove a ampla identificação entre os indivíduos e o desejo de um futuro autoritário e violento, através da mobilização dos mecanismos de subjetivação negacionista, ao fortalecer os modos implícitos de negação (VALIM; AVELAR, 2020).

O negacionismo característico da pandemia de COVID-19 não é uma negação inocente, principalmente quando é utilizada com finalidades políticas pelo governo brasileiro. Como disse Quinet (2021, p.161): “Esse negacionismo, na verdade, toca em algo de muito fundamental de todos nós que é a tendência à negação e à paixão da ignorância”. Enfim, mesmo em uma sociedade que possui amplo acesso às informações, o negacionismo torna-se essencial para manter no poder um governo no limite do fascismo:

Considerando o nível de produção material e simbólica das sociedades contemporâneas, de acesso a produtos e serviços, de direitos sociais conquistados por movimentos sociais organizados, de produção científica e de acúmulo político para a redução das desigualdades estruturais, a extrema-direita que viabiliza a necropolítica e o Estado suicidário só consegue ser eleita e se conservar no poder por meio da governamentalidade negacionista, na qual o negacionismo histórico atua como variável determinante (VALIM; AVELAR, 2020).

---

<sup>10</sup> Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <https://revistacult.uol.com.br/home/bolsonaro-morte-e-festa-no-brasil/>.

Portanto, frente a uma realidade tão ameaçadora, que tange o real da morte e da castração e gera grande desamparo à população (QUINET, 2021), o governo bolsonarista utiliza-se do escapismo daquilo que é insuportável, complexo e doloroso, e beneficia-se de seus discursos e atitudes negacionistas, desde à ampla propagação de *fake news* até o negacionismo histórico e científico, não apenas para defender-se dessa realidade temerosa, mas para cumprir com seus planos necropolíticos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista de retomar o tema que foi discutido neste trabalho, é de suma importância recapitular o que inicialmente foi o problema motivador para a realização da pesquisa: o que a Psicanálise pode oferecer e contribuir à análise do negacionismo da pandemia de COVID-19? Inicialmente, partindo do próprio termo *negacionismo*, o projeto inicial desta monografia era articular o fenômeno social apenas com o texto freudiano *A negação* (1925), uma vez que a primeira hipótese a ser formulada era justamente apontar o negacionismo científico como um mecanismo de defesa daqueles que se recusam a, por exemplo, usar máscara, tomar vacina e insistem em se tratarem com remédios de ineficácia comprovada. Contudo, no processo de pesquisa e escrita, foi possível perceber como a teoria estava limitante para abarcar todo o contexto social e político que atravessa o discurso negacionista, principalmente quando este é oficializado por aquele que ocupa o maior cargo do governo federal.

Afinal, quando um discurso negacionista é oficializado, ele tende, inegavelmente, a influenciar uma massa de pessoas, inclusive aquelas que não tendiam, necessariamente, a negar tão fielmente aquilo que mal conhecem. Por isso, além do capítulo que foi dedicado exclusivamente ao conceito psicanalítico de negação, foi estudado e aprofundado, no segundo capítulo, o texto freudiano *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), no qual o autor cita, no primeiro parágrafo, que a psicologia individual é indissociável à psicologia social. Uma afirmação que, sem dúvidas, foi norteadora para o andamento desta pesquisa. Isto é, foi justamente a partir do ensaio freudiano sobre cultura, política e sociedade que se fez possível a articulação mais lógica e aprofundada do atual contexto de pandemia e negacionismo com os conceitos psicanalíticos.

Dito isso, a escolha desse tema teve diversas motivações, desde o projeto inicial, que buscava revisar e aprofundar o conceito de negação em psicanálise, até a própria vivência de uma realidade muito marcada pelas consequências de um governo tão desresponsabilizado pelos seus discursos e atitudes negacionistas. Inclusive, por atualizar novamente as contribuições da Psicanálise para à academia e à sociedade, uma vez que pretende irromper sobre o psicologismo, que tende sempre a explicar os fenômenos apenas pelo âmbito individual. Além disso, é justamente um tema de tamanha importância por esforçar-se em entender e, conseqüentemente, combater o negacionismo científico e o obscurantismo intelectual, evidenciando suas funções políticas, já que infelizmente custaram, e ainda custam, as vidas de milhares de pessoas.

Ademais, foi possível cumprir com os objetivos da pesquisa através da revisão de literatura das obras iniciais da Psicanálise e, também, do levantamento bibliográfico de artigos científicos e jornalísticos sobre a pandemia de COVID-19 e o manejo do governo federal. Todavia, por se tratar de um tema atual e muito recente, muitas das leituras consultadas foram publicadas contemporaneamente à produção deste trabalho, e foram essenciais para o cumprimento dos objetivos. Por exemplo, as leituras atuais do texto *Psicologia das massas e análise do eu* quase sempre oferecem uma comparação feita entre o que Freud escreveu com o atual contexto político do Brasil.

Além disso, pesquisas que evidenciam como o governo federal exerce influência sobre seus apoiadores, mesmo quando seus discursos e atitudes colocam sua própria vida, e a de todos, em risco, foram excepcionais para ilustrarem as articulações feitas entre teoria e prática. Como, por exemplo, a pesquisa realizada por cientistas da Fiocruz e da Universidade de Brasília (UNB), *Involvement of political and socio-economic factors in the spatial and temporal dynamics of COVID-19 outcomes in Brazil: A population-based study* (2021), que apresenta dados que comprovam como a taxa de mortalidade da segunda onda de COVID-19 no Brasil está relacionada diretamente às cidades que tiveram mais votos, no segundo turno, para Bolsonaro em 2018.

Com esses materiais foi possível cumprir o objetivo geral, ao relacionar o conceito psicanalítico de negação interna ao juízo e as ideias apresentadas no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) com o negacionismo científico, a fim de analisá-lo no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19 a partir da Psicanálise. Como também, os objetivos específicos, já que, nos dois primeiros capítulos, foi possível contextualizar os conceitos psicanalíticos apresentados nos textos freudianos *A negação* (1925) e *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), a fim de dicotomizar o negacionismo tanto como mecanismo de defesa e como instrumento político. Por fim, no último capítulo, foi enfatizada a importância e relevância a Psicanálise no estudo e no combate ao negacionismo científico e ao obscurantismo intelectual do governo federal e seus apoiadores, no contexto de pandemia de COVID-19, e, com isso, contemplando o último objetivo específico desta pesquisa.

Apesar disso, vale ressaltar que este trabalho ainda não acabou. Como já citado, grande parte do material de estudo foi publicado durante a produção da pesquisa, o que demonstra que ainda há muito conteúdo a ser produzido e aprofundado sobre este tema. Ademais, não foi feita uma análise minuciosa dos detalhes específicos do fenômeno do negacionismo, como a análise de cada fala e discurso oficiais do presidente da República, e os contextos em que estão inseridos, mas que ainda é possível de ser feito em um trabalho futuro.

Como também, a articulação deste tema com outros conceitos psicanalíticos, como a pulsão de morte e a castração, a fim de articular ainda mais a teoria psicanalítica com o atual contexto histórico e social.

Em suma, pode-se dizer que a pesquisa confirmou sua hipótese inicial, uma vez que a Psicanálise pode sim responder ao que se entende sobre o negacionismo, e como ele extrapola o âmbito individual, podendo servir-se de instrumento político de massa, ao beneficiar os interesses do governo federal, liderado por um político limítrofe ao fascismo, que idealizou e executou um plano necropolítico. Ainda há muito o que se aprofundar na área, mas também o que se combater, e, por isso, propõe-se uma continuidade a essa pesquisa, articulando o tema com mais conceitos, debatendo novas informações e problemáticas, sempre que possível priorizando a aplicabilidade prática dessas questões.

## REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, T. A morte é festa no Brasil de Bolsonaro. **Revista Cult**, 30 mar. 2021a. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/bolsonaro-morte-e-festa-no-brasil/>>. Acesso em: 26 mai. 2022.
- AB'SÁBER, T. **Psicologia das massas e análise do eu: história e política**. Youtube, 16 de novembro de 2021b. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=T6k\\_OZBU3Ac&ab\\_channel=Est%C3%BAdioIPEPPsi%20can%C3%A1lise](https://www.youtube.com/watch?v=T6k_OZBU3Ac&ab_channel=Est%C3%BAdioIPEPPsi%20can%C3%A1lise)>
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Negacionismo**. 2020. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/negacionismo>>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- BRUM, E. A covid-19 está sob o controle de Bolsonaro, **El País Brasil**, São Paulo, 3 mar. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-03-03/a-covid-19-esta-sob-o-controle-de-bolsonaro.html>>. Acesso em: 9 jun. 2022.
- CAREY, B. Denial makes the world go round. In: **New York Times**, novembro, 2007.
- CARONE, M. **A negação**: Um claro enigma de Freud. *Discurso*, n. 15, p. 125-132, 1983.
- CEPEDISA-USP; CONECTAS. Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à COVID-19 no Brasil. **Boletim Direitos na Pandemia**, vol. 10, 2021.
- CORRÊA, A. O que era a 'Liga Anti-Máscara', que protestava contra restrições na gripe espanhola. **BBC News Brasil** [online], Winston-Salem (EUA), 10 mai. 2020. Internacional. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52588711>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- DALCOLMO, M. Negacionismo não é fenômeno novo na História nem na ciência. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 set. 2020. *A Hora da Ciência*. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/a-hora-da-ciencia/post/negacionismo-nao-e-...>>. Acesso em: 13 out. 2021.
- ESCOBAR, H. A ciência contra o negacionismo. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/a-ciencia-contra-o-negacionismo/>>. Acesso em: 13 out. 2021.
- FREUD, S. A negação (1925). In: **A negação**. Editora Cosac Naify, p. 10-14, 2014.
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.13-113.
- FREUD, S. e ABRAHAM, K. **Briefe: 1907-1926**. Frankfurt: S. Fischer Verlag, p.362, 1965.
- HYPOLITE, J. (1954) Apêndice I: Comentário falado sobre a Verneinung de Freud. In: LACAN, J. **Escritos**, Rio de Janeiro, RJ: Zahar, p. 893-902, 1998.

IUGA, A.O; MCGUIRE, M. J. Adherence and health care costs. In: **Risk management and healthcare policy**, v. 7, p. 35, 2014.

LOWY Institute. **COVID Performance Index**: Deconstructing pandemic responses. 2021. Disponível em: <https://interactives.lowyinstitute.org/features/covid-performance/#region>. Acesso em: 16 jun. 2022.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Arte & Ensaios, v. 2, n. 32, 2016.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. (1967) **Vocabulário da psicanálise**. Santos: Martins, 2001.

QUINET, A. Pandemundo. In: **A política do psicanalista: do divã para a pólis**. Rio de Janeiro: Atos e Divas Edições, p.148-163, 2021.

RATNER, A. The psychoanalyst's resistance to the task of proof. **The Psychoanalytic Review**, 105, n°2, p. 157-186, 2018.

RATNER, A; GANDHI, N. Psychoanalysis in combatting mass non-adherence to medical advice. **The Lancet**, v. 396, n. 10264, p. 1730, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32172-3/fulltext#seccestitle10](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32172-3/fulltext#seccestitle10). Acesso em: 21 Sep. 2021.

ROUSSO H. Le dossier Lyon III: **Le rapport sur le racisme et le négacionisme à l'université Jean-Moulin**. Paris: Fayard; 2004.

VALIM, P; AVELAR, A. S. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. **Revista Cult**, 3 set. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>. Acesso em: 13 out. 2021.

XAVIER, D. R. *et al.* Involvement of political and socio-economic factors in the spatial and temporal dynamics of COVID-19 outcomes in Brazil: A population-based study. **The Lancet Regional Health-Americas**, p. 100221, 2022.